

A INCLUSÃO DIGITAL E SOCIAL COMO PRESSUPOSTO PARA A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: ANÁLISE DO PERFIL DE ALUNOS DE UMA UNIVERSIDADE PARTICULAR DE SÃO LUÍS - MA

São Luís – MA – Abril 2013

Ivone Ascar Sauáia Guimarães – Universidade Ceuma – ivone.ascar@ceuma.br

Categoria: F

Setor Educacional: 3

**Classificação das Áreas de Pesquisa em EAD
Macro: A / Meso: H /Micro: O**

Natureza: A

Classe: 1

RESUMO

Este artigo buscou analisar quanto o aluno da Educação a Distância se encontra incluído digitalmente. A necessidade de se compreender a inclusão desse indivíduo se deve ao fato de a modalidade fazer uso constante de tecnologias que favorecem a aprendizagem através da mediação da relação entre os professores e alunos, dando base para a constituição de um conhecimento que parte da construção coletiva. Para alcançar o objetivo proposto partiu-se de uma análise primeiramente bibliográfica dos autores que tratam a educação à distância, a inclusão/exclusão social e a inclusão/exclusão tecnológica. Isso permitiu que se juntasse um aporte teórico com a finalidade de garantir conhecimentos mais profundos sobre o tema, atendendo a análise crítica dos dados que seriam levantados no passo seguinte da pesquisa. A pesquisa em si foi realizada em uma Universidade Particular da cidade de São Luís, atuante na Educação Presencial há mais de 20 anos e na Educação a Distância há mais de 5 anos. Deste modo, através do uso de questionários aplicados a uma amostra de 47 alunos chegou-se ao levantamento aqui apresentado. Tais dados favoreceram para que se verificasse o nível de inclusão digital do educando, sendo este um dos aspectos necessários para o sucesso deste aprendente na modalidade.

Palavras-chave: Educação a Distância; Inclusão Digital e Social; São Luís.

1 INTRODUÇÃO

Dentre os aspectos que envolvem o mundo na atualidade, a Tecnologia e seus avanços talvez sejam os que mais se destaquem, pela velocidade com que se transformam, assim como as necessidades que o homem vem criando em torno dela.

No meio educacional, compreender como ela poderá posicionar-se, favorecendo o aprendizado, tem-se tornado uma necessidade, visto que a Tecnologia figura hoje como um instrumento cultural e de difusão do conhecimento.

Na Educação à Distância (EAD) as Tecnologias foram adicionadas de modo frenético, porém as pesquisas não acompanharam o processo e assim não se poderá assegurar que elas realmente consigam garantir uma melhoria ou uma facilitação no alcance dos objetivos que norteiam a Educação.

Provavelmente, isto se deve a diversos fatores, sendo eles o acesso à Tecnologia, à criticidade que deverá acompanhar alunos e professores em meio eletrônico e ainda a adequação do material educativo ao momento da aprendizagem mediada por computador, situações em que se observa o quão dissociadas estão a Tecnologia da Educação.

Contudo, na denominada sociedade do conhecimento, a Educação e a Tecnologia deveriam caminhar juntas, e cabe aqui conhecer e analisar se ainda é latente a falta de inserção tecnológica dos educandos que fazem uso da modalidade a distância para que se possa traçar um parâmetro de inclusão tanto digital quanto social que verifique o quão inserido está o aluno de EAD de São Luís na sociedade conectada, atualmente posicionada na visão das redes.

2 A EXCLUSÃO SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM A EXCLUSÃO TECNOLÓGICA

A exclusão social não é uma condição cunhada à luz da sociedade atual. Além dela ser antiga, também exerceu o papel durante muito tempo para a limitar a transição do indivíduo entre as camadas sociais, controlando e até impedindo essa mobilidade. Repetia-se assim os padrões impostos por uma coletividade que via no controle social um meio de exercitar poder e impedir que a riqueza saísse das mãos dos muito abastados para a dos poucos.

De todo modo, a exclusão social é uma mazela que aprisiona o homem em um ciclo que lhe retira os direitos básicos e o relega à margem da sociedade, desvalorizando-o quanto cidadão.

Entretanto, não é somente a velha exclusão, aquela cunhada na falta de bens materiais e na estática social, que assola a humanidade.

A nova exclusão, a que se debruça sobre o acesso às Tecnologias e à Informação, e tem como fator ainda a exclusão social, se coloca, de acordo com ^[19] como elemento de privação e exclusão de alguns poucos em relação a um meio de comunicação cada vez mais popular e aceito pelo coletivo.

Essa ausência de direitos começa na questão social e econômica, e se expande para o contexto educacional e tecnológico, o que deixa de fornecer ao homem o conhecimento do funcionamento e do uso das ferramentas midiáticas presentes na sociedade ^[15].

Porém, dotar este homem de tecnologia sem lhe fornecer o conhecimento técnico e crítico que garantam uma utilização consciente da ferramenta é o mesmo que continuar mantendo-o à margem da sociedade. Neste sentido, a luta contra a situação de exclusão digital deverá passar também pelo letramento digital que prepara o usuário de sistemas informatizados para um uso que lhe garanta a compreensão necessária para lidar com a tecnologia e que lhe permita fazer dela um meio de aprendizagem e de luta pela mobilidade social.

Porém, o acesso à Tecnologia não resolverá completamente o problema da exclusão social e ainda será capaz de gerar uma nova problemática social, identificada como “inclusão subalterna” ^[2].

Nela se observa a inclusão tecnológica sem engajamento com a inclusão social, o que ocorre de modo precário e sem que se desfaça a ideia da marginalidade social, e uma vez que se distingue o valor de ser incluído tecnologicamente, deve-se reconhecer também a importância e a necessidade da inclusão social.

3 A EAD EM SUA RELAÇÃO COM A TECNOLOGIA

A Informática Educativa é uma das muitas aplicações aonde as tecnologias da comunicação e do conhecimento estão inseridas. Ela surgiu como uma área do conhecimento científico que veio permitir a utilização ativa de equipamentos

tecnológicos aliando a telemática à Educação no desenvolvimento da capacidade humana.

Sob esse fundamento, a Educação em si tem o potencial de acontecer muito além do ambiente físico, ultrapassando limites de tempo espaço e garantindo o entendimento de que aprender é uma ação cotidiana, pois é um processo totalmente relacionado ao ser humano uma vez que está em constante ação com o mundo e com seus objetos de estudo.

Justamente sob este aspecto salienta-se que ^[5] a Tecnologia na prática educacional poderá atuar como ferramenta que favorecerá a migração da ação de ensinar para a possibilidade da prática ativa que está inserida na aprendizagem, fenômeno este que eleva a Educação ao patamar do aprendido o que, por conseguinte, requer uma prática ativa no ato de aprender.

Assim na visão atual da EAD, ou seja, na ideia da mediação, as Tecnologias de Informação e Comunicação exercem papel importantíssimo, por garantir dinamicidade, transformação e modernidade para uma sociedade em constante movimento.

Essa dinâmica favorecerá o estar junto virtual, onde professores e alunos, que estão distantes fisicamente, se encontram virtualmente, e acabam por compreender que o modo autônomo do aluno no ato de aprender favorece o seu crescimento quanto cidadão, visto que ele se torna agente ativo daquilo que aprende através da vivência e da busca do conhecimento.

Assim, a Educação a Distância é uma prática educativa que deverá levar educação de qualidade ao maior número de alunos ^{[8] [16] [9]}, fazendo-se uso de ferramentas tecnológicas que separam e ao mesmo tempo, unem aluno e professor, com vistas a permitir a comunicação em duas direções.

Portanto, a Tecnologia aplicada à Educação levará impreterivelmente a uma revisão das práticas no ambiente educacional ^{[3] [11] [6]}, já que, ao ser utilizada na metodologia de um-para-muitos, vem a funcionar como meio difusor de informação e conhecimento, o que exige do educando uma prática crítica efetiva que lhe permita compreender e exercer sua ação individual sobre aquilo que lhe é transmitido.

A Educação que faz uso de meios tecnológicos deverá primar pela formação do aluno receptor-ativo, em lugar de uma Educação que acontece pela repetição inconsciente e fora do real sentido daquilo que se julga ter ensinado. Sob esse fundamento, na EAD o aluno é o agente do seu aprendizado e o professor, um

direcionador e motivador.

Portanto, os ambientes interativos têm o potencial de permitir o vislumbre de um caminho pleno de descobertas, ^[8] ^[12] que abre as portas para a construção do conhecimento tanto pelo aluno individual, quanto pelo coletivo.

4 DA TEORIA À PRÁTICA: A PESQUISA, SUA METODOLOGIA E ALGUMAS CONSTATAÇÕES

Este artigo faz parte de uma dissertação apresentada à Universidade Católica de Brasília que tratava os aspectos pertinentes à inclusão do aluno de educação à distância no ensino superior e tentava analisar se a modalidade seria ou não um meio que garantiria e facilitaria a inclusão social.

Portanto, no material aqui presente encontra-se somente uma parte da pesquisa e dos dados levantados para a dissertação.

Para chegar aos dados que favoreceram a análise que segue, realizou-se inicialmente um vasto levantamento bibliográfico na visão de garantir uma investigação teórica de base sólida à respeito da questão levantada, focando na inclusão social, na inclusão digital e na educação à distância.

Para a coleta dos dados aqui presente aplicou-se 70 questionários, contendo perguntas abertas e fechadas, englobando todos os períodos onde havia alunos regularmente matriculados na modalidade à distância de uma Universidade Particular atuante na Cidade de São Luís. Destes, somente 47 alunos aceitaram participar da pesquisa e devolveram os instrumentos de coleta devidamente preenchidos.

Assim, a inclusão digital deste educando foi analisada partindo dos seguintes aspectos:

- Se o aluno possui computador e quantos equipamentos encontram-se em seu poder, o que determinará o poder aquisitivo e o perfil digital;
- Se o aluno possui conexão com a internet e qual o tipo de conexão utilizada, o que determinará a inclusão na infovia da informação;
- Qual o nível de conhecimento de informática, o que determinará se o aluno se encontra apto para lidar de modo crítico com as tecnologias;

A pesquisa foi proposta no mês de junho de 2011 aos alunos da referida instituição que se encontra atuante na modalidade presencial há mais de 20 anos,

sendo esta a maior no mercado em que atua, o que por sua vez é uma das razões de sua escolha.

A primeira indagação feita foi quanto ao fato de o aluno possuir ou não computador em casa. A pesquisa retornou que 94% deles possuía computador na própria residência. Quanto a este fato, colhe-se que o poder aquisitivo deste indivíduo não é tão baixo, independentemente do tipo de dispositivo que possui. E esta análise é importante pois a instituição se encontra na Região Nordeste do país, aonde o poder aquisitivo da população é relativamente baixa, garantindo, em algumas localidades, subsídios que favorecem somente a sobrevivência diária.

A indagação seguinte completa a anterior, favorecendo que se desenhe um perfil digital do discente, principalmente quando se trata da quantidade de computadores existentes na casa dos mesmos. As quantidades informadas pelos alunos são bem balanceadas, sendo que para o quantitativo de um computador a incidência foi de 45% dos alunos. Para o quantitativo de dois computadores verificou-se 30%. Já para o quantitativo de três computadores registrou-se 10%, e, por fim, em se tratando de mais de três máquinas, esse valor cai para 9%. Neste sentido, é importante salientar que os equipamentos eletrônicos, assim como o celular e o computador, vem se posicionando como materiais de uso individual e não mais coletivo como outrora, ou seja, na visão atual, cada pessoa passa a ter seus próprios materiais eletrônicos.

Quando o assunto é a conexão à Internet, chegou-se às seguintes informações: 100% dos alunos de EAD possuem conexão com a Internet, e isto se estabelece diretamente sobre os 100% daqueles que se identificam como possuidores de computador na própria residência, mostrando que se encontram incluídos. Assim, partindo dessas primeiras indagações, notou-se que os participantes se encontram inseridos tanto no mundo digital, como na infovia que é a Internet, pois, além de na maioria haver computadores pessoais em suas residências, boa parte dos mesmos também conta com acesso ao meio eletrônico.

Porém, faltaria aqui analisar o nível de criticidade que os mesmos apresentam em relação à ferramenta e os conteúdos encontrados no meio eletrônico. Tais declarações ainda são confirmadas pelo nível de conhecimento de informática, aonde mais da metade dos alunos (57%) se identificam como possuidores de conhecimentos intermediários em Informática, sendo seguida na segunda colocação (26%) pelo conhecimento básico e, em terceiro, pelo

conhecimento avançado (17%). Partindo-se de tais dados, os discentes de EAD estão bem preparados para o uso da Tecnologia, pois não houve respostas que indicassem conhecimento nulo do assunto para a modalidade.

Pelo exposto, observa-se que, ^[10] ^[7] ^[19] os alunos de EAD são incluídos digitalmente e ainda podem se considerar como letrados digitais, uma vez que afirmam ter conhecimentos significativos de informática.

Esses mesmos alunos não fazem parte do grupo que se caracteriza como excluído digital e social ^[6] ^[15], pois, eles se encontram aptos a lidar com as Tecnologias, que favorecem não somente a atuação profissional, mas também a lida educacional.

A respeito desse conhecimento de informática é que alguns autores ^[14] ^[4] ^[8] ^[18] ^[12] focam diretamente a necessidade de um conhecimento tecnológico não somente para garantir interação na sociedade atual, mas também favorecer para que o alunado alcance a meta de efetivar o conhecimento transmitido em meio eletrônico.

A afirmação de que esses discentes são alfabetizados tecnologicamente já os coloca em um patamar fora do processo de exclusão social no tocante à tecnologia.

Quanto ao tipo de conexão mais utilizada pelos alunos, chegou-se às seguintes constatações: 45% dos alunos usam Modems GSM, 26% fazem conexão por telefone ou Velox e 19% conexão a cabo. Não houve casos de alunos que não possuíssem conexão de internet. Quanto à conexão por rádio, 4% dos alunos se identificaram como usuários. Esse quantitativo considerável de alunos fazendo uso de conexões GSM, que tornam a internet individual, é um indicador bastante defendido ^[14] ao se apontar a individualização da Tecnologia a partir do uso da telefonia celular.

Esses educandos não passam pela falta de acesso tanto a Tecnologias quanto ao conhecimento de uso e muito menos quanto ao acesso à infraestrutura de tráfego de dados ^[19] ^[15] ^[13].

Provavelmente isso se deva a fatores como os relacionados às questões econômicas, visto que os mesmos trabalham, são responsáveis pelo próprio sustento e, assim, possuem condições de investir na aquisição de tais equipamentos ou, ainda, devido à modalidade educacional em si, que ao fazer uso de mídias digitais, requer que este aluno se posicione de modo a participar ativamente de

redes de aprendizagem que fazem uso do meio eletrônico.

Ao se defender a aplicação das Tecnologias para garantir certa democratização da Educação ^[8], certamente não se vislumbra o nível de inserção, que a sociedade, atualmente fazendo uso destas ferramentas, apresenta no mundo virtual.

Neste sentido, o modo de pensar da sociedade atual, é o de uma sociedade que prima pela velocidade de informação e pelo imediatismo ^[17], de modo que, a partir do momento em que as Tecnologias já fazem parte do cotidiano desses educandos, aplicá-las à EAD trata-se somente da imersão da Educação no momento histórico do grupo social no qual ela acontece, exercendo a tentativa de romper barreiras sociais, difíceis de ser transpostas ^[1].

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa debruçou-se sobre a EAD, buscando, ao fazer uso de um expressivo referencial teórico e de uma pesquisa aplicada, descrita e analisada, responder à dúvida referente ao nível de inclusão digital do aluno da modalidade.

Destarte, além da sociedade da informação exigir que o indivíduo esteja apto a lidar com as Tecnologias, a Educação também passa a exercer a mesma pressão, e, em decorrência, o aluno atende a ela, mostrando que as Tecnologias são ferramentas essenciais e que favorecem claramente o crescimento do educando como aprendiz.

O alunado de EAD encontra-se incluído digitalmente devido ao fato de que a modalidade o obriga a isso, ao fazer uso de ambientes virtuais de aprendizagem.

Neste caso, ele possui computadores nem que seja para uso próprio e individual, acesso à internet banda larga e/ou móvel, e conhecimento consistente de Informática.

Estes são aspectos que não o coloca em inferioridade em relação ao aluno da modalidade presencial e expressa claramente o quanto será capaz de empreender em busca de um objetivo.

Assim, a partir do momento em que o aluno se encontra incluído digitalmente, ele se posiciona também como entendedor das Tecnologias digitais e de sua aplicabilidade.

Provavelmente, isto se deva ao fato de que a EAD atualmente faz uso dos

meios midiáticos digitais para alcançar o seu alunado.

Outro aspecto relevante é que a modalidade em questão cumpre seu papel de incluir socialmente a partir do momento em que impulsiona o aluno à inserção digital.

Contudo, uma vida eletrônica sem interação e sem criticidade não denotará inclusão social.

Sob esses fundamentos, conclui-se que a inclusão digital, desde que aconteça de modo a fornecer referencial crítico ao educando, tem o poder de lhe permitir ir à busca de tudo o mais que coloca o indivíduo como inserido socialmente.

Porém, se ela se colocar simplesmente como meio de acesso, sem permitir ao usuário a interação e a possibilidade de construir conhecimento por si, ela acabará exercendo apenas o papel de repetir os padrões estáticos de uma sociedade que não permite a mobilidade social, o que, conseqüentemente, poderia paralisar a sociedade no tempo e no espaço, impedindo-lhe o progresso.

REFERÊNCIAS

- [1] CASTRO, C. **TV Digital e EAD: uma parceria perfeita para a inclusão social.** Conexão – Comunicação e Cultura, Caxias do Sul, v. 7, n. 13, p. 27-38, jan./jun. 2008.
- [2] CAZELOTO, E. **Inclusão Digital: uma visão crítica.** São Paulo: Senac São Paulo, 2008. 207 p.
- [3] COX, K. K. **Informática na Educação Escolar: polêmicas do nosso tempo.** São Paulo: Autores Associados, 2008. 124 p.
- [4] DOWBOR, L. **Tecnologias do Conhecimento: os desafios da Educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001. 85 p.
- [5] FORMIGA, M. **A Terminologia da EAD.** In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação à Distância: o estado da arte.** São Paulo: Pearson, 2009. p. 39-46.
- [6] MILL, D. **Educação Virtual e Virtualidade Digital: trabalho pedagógico na Educação a Distância na Idade Mídia.** In: SOTO, U.; MAYRINK, M. F.; GREGOLIN, I. V. (Org.). **Linguagem, Educação e Virtualidade: experiências e reflexões.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 29-51.
- [7] MORAN, J. M. **As Muitas Inclusões Necessárias na Educação.** In: RAIÇA, D. (Org.). **Tecnologias para a Educação Inclusiva.** São Paulo: Avercamp, 2008. p. 19-34.

- [8] NISKIER, A. **Tecnologia Educacional: uma visão política**. Petrópolis: Vozes, 1993. 182 p.
- [9] PEREIRA, J. M. **Políticas Públicas de Educação no Brasil: a utilização da EAD como instrumento de inclusão social**. Journal of Technology Management & Innovation, Chile, v. 3, n. 2, Jul. 2008. Disponível em <<http://www.jotmi.org>>. Acesso em: 18/10/2010.
- [10] RAIÇA, D. **Tecnologia e Educação Inclusiva**. In: RAIÇA, D. (Org.). **Tecnologias para a Educação Inclusiva**. São Paulo: Avercamp, 2008. p. 19-34.
- [11] ROSINI, A. M. **As Novas Tecnologias da Informação e a Educação a Distância**. São Paulo: Thomson Learning, 2007. 131 p.
- [12] ROSTAS, M. H. S. G.; ROSTAS, G. R. **O Ambiente Virtual de Aprendizagem (MOODLE) como ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem: uma questão de comunicação**. In: SOTO, U.; MAYRINK, M. F.; GREGOLIN, I. V. (Org.). **Linguagem, Educação e Virtualidade: experiências e reflexões**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 135-151.
- [13] SILVEIRA, S. A. **Exclusão Digital: a miséria na era da informação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. 47 p.
- [14] SORJ, B. brasil@povo.com: **A luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 176 p.
- [15] SOUZA, D. M.; COELHO, R. F. **Inclusão Social via Inclusão Social, uma construção possível?**. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, v. 9, n. 97, jun. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7113>>. Acessado em: 18/10/2010.
- [16] TORI, R. **Educação sem Distância: as Tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010. 254 p.
- [17] TORRES, P. L.; FIALHO, F. A. P. **Educação a Distância: passado, presente e futuro**. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação à Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson, 2009. p. 456-461.
- [18] VALENTE, J. A. **O “Estar Junto Virtual” como uma abordagem de Educação à Distância: sua gênese e aplicações na formação de educadores reflexivos**. In: VALENTE, J. A.; BUSTAMANTE, S. B. V. (Org.). **Educação à Distância: prática e formação do profissional reflexivo**. São Paulo: Avercamp, 2009. p. 37-64.
- [19] VALENTE, J. A. **Os Diferentes Letramentos como Expansão da Inclusão Digital: explorando as potencialidades educacionais das Tecnologias da informação e comunicação**. In: RAIÇA, D. (Org.). **Tecnologias para a Educação Inclusiva**. São Paulo: Avercamp, 2008. p. 67-83.